

Centro de Memória do ABC

Cultura Popular e Mudança Social

Depoimento de Jerusa Pires Ferreira

concedido à **Conceição Cabrini**



Em 1981 desenvolvi atividades na Universidade Metodista de São Bernardo. Eu cheguei de Salvador defendi o doutorado na Universidade de São Paulo em 1980 e estava procurando me fixar em São Paulo.

Nesse mesmo ano conduzi duas experiências que considero que foram muito importantes, para além do trabalho acadêmico, assim mais restrito de gabinete: o Seminário Interdisciplinar **Cultura Popular e Mudança Social** e o Simpósio **Ouvindo o Grande ABC**.

Era um momento muito forte da criação do PT, da luta operária, e da redemocratização do país. E mais, a Metodista tinha professores que haviam sido afastados, cassados. Numa pluralidade de ações e atitudes havia uma coisa em comum: escutar, o que estava se passando no todo. E essa atitude eu procurei levar para a Metodista, para onde fui à convite de José Marques de Mello, então coordenador da pós-graduação: a saber, a idéia de ouvir o que estava se passando...

Organizamos, o professor Luiz Roberto Alves e eu, o Centro de Memória do ABC. Os alunos dele foram à rua gravar relatos, festejos, tudo o que acontecia naquele rico tecido cultural migrante de São

Bernardo. Eu própria, que nunca tinha percebido na vida o que era esse migrante, aprendi que eu era migrante. Então comecei a estudar migração, fui para a Pastoral do Migrante, li textos sobre a migração. Os meus seminários de pós-graduação em São Bernardo funcionavam como uma espécie de laboratório de tudo isso.

Os Seminários de Cultura popular tinham como ponto de partida a presença nordestina em São Paulo, a preocupação de caracterizar o mundo do trabalho, as condições de vida e de exílio, o comportamento, as condições psicológicas e os padrões dos gestos. Questionava-se: cativo ou vida nova? O que é uma pessoa que passa a trabalhar até não sei quantas mil horas apertando parafusos?

O foco estava nas migrações: possibilidade de intercâmbio dos levantamentos de dados em centros de pesquisas sobre migrações. A proposta era recolher depoimentos das condições de vida, de trabalho, da situação material daqueles 'que largaram o que era seu' para vir correr um trecho no chão de São Paulo: **exílio e cativo**.

Buscava-se também acompanhar as condições psicológicas: a procura da identidade, a saudade, isto é, corpo e alma dos migrantes. E mais, os aspectos da religiosidade nordestina, a medicina popular e a cidade grande, as adaptações ao novo meio. Por isso tinha-se como orientação o estudo, o levantamento e o possível mapeamento das feiras nordestinas em São Paulo: alimentação, conversas, hábitos, artesanato e a presença do cordel.

No seminário de pós-graduação, o Seminário Interdisciplinar: Cultura Popular e Mudança Social – pensei nos questionamentos sobre a persistência cultural e as mudanças. Assim trabalhamos: **por um conceito de "Sertão"** – as relações históricas com o mundo feudal; **sertanejos em arma** – o cangaço; **sertanejos em fuga** – a migração; **a matéria tradicional na literatura de Cordel**; **este e o outro mundo** – a realidade vivida e a compensação heróica; **a força da tradição** – estudo de um texto de Elomar, trovador culto e popular, autor do Auto da Catingueira; **cultura popular e cultura**

de massas – textos para debate; **produção cultural do migrante na “Cidade Grande”** – os novos repertórios; **o folheto de cordel produzido em São Paulo**: o Diabo bebê em São Bernardo – termômetro e registro de mudança social; **a produção dos cantadores em São Paulo; as relações São Paulo-Nordeste** – manifestantes no “folclore”, no romanceiro, no “leva e traz”; **a festa, espaço de identidade** – lazer e veículo; **a feira, trabalho e lazer** – ponto de encontro, circulação e renovação, estudo sobre várias perspectivas, das feiras nordestinas do ABC.

Tratávamos dos conflitos da modernização, da festa como espaço de identidade, de lazer e vínculo.

Participavam desses seminários: religiosos metodistas, pastores, padres, até pai de santo. A gente apostava nessa escuta, numa dimensão de várias vozes.

Os seminários nos mostravam as adaptações das antigas crenças, as exigências da cidade grande, saúde e doença. E o que se chamava de superstições e incorporação de novos hábitos: as condições de habitação, os ambientes de viver, a medicina popular, os conflitos da modernização, disso tudo.

Apresentávamos a literatura de cordel como lazer e conservação identitária: a sobrevivência pelo cordel e não a sobrevivência do cordel. E mais, os usos do encantamento, as histórias contadas, a necessidade das *heroicizações* compensadoras do cotidiano, histórias narradas, “folclore” e mudança social.

Para tanto trabalhávamos a adaptação de culturas trazidas aos novos meios de comunicação; a criação de novos repertórios, as relações Nordeste/São Paulo; percurso e recolha de um cancionário popular, material etnográfico e iconográfico dentre as várias fontes de informação em que se explicita esta absorção nordestina no ABC.

Além disso, tratávamos da presença de hábitos que assumem função social, vínculos e compromissos com uma cultura (os cantadores do Brás, o público certo, os discos, o forró). Com isso

analisávamos a extensão dos problemas sociais e a resistência de opostos. Os assuntos foram conduzidos, tendendo à formação de uma visão de conjunto, de uma percepção crítica preferida a um manancial de informações. Procurava-se, assim, um procedimento receptivo frente a novas posições e a outras perguntas.

Isso tudo foi mapeado por nós.

Preparamos, também, um seminário chamado **Ouvindo o Grande ABC**. Convidamos pessoas de diversas classes sociais, de diversos grupos e fizemos com que os operários das fábricas (nesse tempo São Bernardo era um centro industrial poderoso) viessem falar de si mesmos, do que estavam escrevendo, do que estavam pensando. A idéia era organizar eventos para escuta do que se passava, ouvir quem estava fazendo a cultura do local. Então reunimos desde cantadores nordestinos até o indivíduo de origem italiana, o intelectual do lugar, o sábio, o bibliófilo, os operários, as moças que estavam trabalhando e ao mesmo tempo querendo ler os seus próprios poemas.

Os Seminários buscavam o questionamento crítico sobre a proposta Cultura Popular; a importância da reflexão e a maneira de ultrapassar as posições “folclorizantes”; a necessidade de uma posição orgânica e dinâmica. Nesse momento eu estava lendo Gramsci. Por isso a leitura dos teóricos nesses seminários deveria servir para provocar discussões, debates ou conduzir algumas interpretações e não para trazer respostas. Agora, isso tem 25 anos, e é moderno, não é?

Começamos a criar seminários e ao mesmo tempo um centro de recolha. O seminário que eu considero de maior importância foi o mencionado: **Ouvindo o Grande ABC**. E depois, com a Neusa Mendes Gusmão começamos a trabalhar no sentido de organizar um projeto sobre a vida cotidiana dos trabalhadores do ABC.

Essa relação de escuta nos permitiu um mapeamento fazendo trocas, vendo como é que ocorreram as adaptações na cidade grande, que coisas ficaram, que coisas se transformaram.

A migração para mim é a coisa mais forte que existe. Você largar o que é seu, e sair para fora, onde você é rejeitado, onde você é o outro. E essa outra identidade, quer dizer, os processos de adaptação e de encaminhamento de tudo isso é muito importante, e não se restringe a dominantes e dominados – é claro que são dominados, se não fossem não teriam que sair de sua terra, não é? Mas a questão que se coloca não é essa. A questão, digamos assim, está na negociação cultural, na negociação social e na inserção dessas pessoas num novo ambiente social.

Além dos seminários havia a organização de um Centro de Memória com começo de arquivo: “**Núcleo de Estudos da Memória Popular do ABC**”, datado de novembro de 1981. Este Núcleo, órgão do Centro de Pós-graduação do Instituto Metodista, com sede em São Bernardo do Campo, SP, surgiu como decorrência da necessidade de registrar todo um acúmulo de experiências populares.

Isso é que interessa – a palavra **experiência!**

E mais, convivendo-se com uma das regiões mais populosas e industrializadas do país, propunha-se a acompanhar, as diferentes formas culturais populares ali presentes, em suas diferentes linguagens, estágios de compreensão da realidade: formas específicas de lazer, comércio, expressão artística e religiosidade.

O laboratório de culturas, que era o ABC, abrigo dos migrantes das mais diversas regiões do país, estendendo-se aos imigrantes, tinha como objetivo o estudo, por meio de um instrumental tanto sensível e crítico, quanto atento aos diferentes cruzamentos culturais representados pelas comunidades que o envolviam. Afirmava-se o compromisso da comunidade universitária:

1 – na atitude de ouvir, de descobrir e de respeitar, o acúmulo das experiências populares, vendo-se nelas a possibilidade de compreensão mais profunda da cultura brasileira;

2 – na tentativa de acompanhar as respostas das comunidades populares, aos problemas com que se defrontavam continuamente.

Quer dizer, nós não trazíamos uma teoria, uma conotação pronta, mas eram os participantes que deveriam formulá-la.

O Núcleo tinha como objetivos: recuperar e compor um acervo de dados, informações e depoimentos vivos sobre a Cultura Popular da região do ABC; constituir-se num reduto de estudos, e de preparação de textos procurando estabelecer os necessários vínculos entre os diferentes grupos produtores dessa cultura e a comunidade de estudo e pesquisa, procurando diminuir o fosso existente entre os dois campos, entendendo-se em nível de igualdade para o diálogo, tanto o operário, quanto o professor, em nível de igualdade.

Propunha-se o Núcleo como uma sede de trabalho interdisciplinar para a formação de pesquisadores, que para ele deviam confluír e dele podiam nascer experiências. Pretendia-se a organização de uma bibliografia básica, nos domínios da antropologia, etnologia, sociologia em compasso com os principais centros de estudo já existentes.

E tem mais, o Núcleo voltava-se para os estudantes de pós-graduação que eram, em geral, profissionais com o tempo tomado pelo labor de sua concepção diária e situados numa Escola distante de alguns eixos de informação, contando com dificuldades de acesso a bibliografias competentes. Pretendia-se reunir documentações específicas sobre a região e os próprios cursos oferecidos no âmbito da pós-graduação se encarregariam de alimentar o acervo, contribuindo de várias maneiras, desde a adequada catalogação de revistas, de manuscritos, de jornais da região que é uma fonte, até a introdução de novas idéias e trabalhos. Propunha-se oferecer seminários interdisciplinares, reunindo estudantes e pessoas

diretamente envolvidas no assunto, para debates e discussões. Estava prevista a assessoria de pesquisadores, de estudantes universitários, e de secundaristas, possibilitando-lhes uma metodologia de acesso às fontes. E, além disso, era certa a necessidade de atender também a comunidade do entorno, prestando serviços às instituições municipais e outras, quando solicitassem ao Núcleo.

Visava-se a conexão com outros centros, no Brasil e no exterior, com o objetivo de ampliar os horizontes culturais e de possibilitar de fato intercâmbios.

Nessas etapas, que deveriam ser aos poucos percorridas, estaria sempre presente a idéia de estímulo à pesquisa. Isso eu acho da maior importância, pois, era a tentativa de aproximação do trabalho acadêmico com a vida da comunidade.

O Núcleo buscava o sentido da memória, propunha uma concepção que era nova naquele momento, na década de 80. A justificativa desse sentido da memória estava no entendimento que um povo só tem futuro se o passado for reconhecido e justamente dimensionado, e que toda catalogação e arquivamento não constituem num sepultamento de fatos, mas, ao contrário, no seu cultivo e legado às novas gerações.

Imaginávamos que assim, melhor compreenderíamos o Brasil, uma vez que não fôssemos relapsos com os nossos documentos, queimando-os ou permitindo que fossem bandeados para fora do país.

Considero este projeto pioneiro, pois, propúnhamos promover a educação para o cultivo da memória, para o resgate do documento escrito ou oral e isto vale tanto, ou mais, quanto a instituição acadêmica, pois esta, pensávamos, se desfaria na avalanche dos lugares comuns sem a vivência da tradição cultural, sua análise valorativa e suas lições para novos posicionamentos.

Justificávamos a busca da memória popular, pois observávamos que na cultura do povo, até então, muitas vezes, expulsa da historiografia encontrava-se presente, de forma radical, uma outra face de nós mesmos, empalidecida pelos mais diversos fatores, inclusive pelo processo de massificação contínua. E mais, assinalávamos positivamente os sinais de resistência e recuperação, ou de aclaramento de valores culturais aí presentes.

Justificávamos assim o projeto:

Não é sem razão que os estudiosos dos vários campos das ciências humanas, se debruçam sobre as vivências do popular. Não será de fato para justificar a cultura de elite, mas para seguir as interpenetrações culturais, as trocas de valores, as formas específicas pelas quais se dá a criação popular. Os pesquisadores das ciências sociais terão graves dificuldades na compreensão de intrincados problemas de cultura e sociedade, sem a análise e interpretação de fatos que envolvam os segmentos de cultura motivados por antigos valores, capazes de resistir e adaptar-se à avalanche despersonalizável da cultura de massas.

Desta forma víamos a participação do Instituto Metodista de Ensino Superior (I.M.S) – no cultivo dessa memória popular do ABC, no sentido de tentar construir uma visão mais justa da história. Tentávamos ouvir a voz das pessoas que estavam lá.

Inicialmente, procurava-se delimitar o espaço de atuação, considerando as múltiplas relações que nele ocorrem. Como primeiro passo, propunha-se organizar um acervo de informações capaz de configurar a região do ABC. Nesse sentido, indicávamos a realização de um mapeamento que incluía a obtenção de plantas de habitação, junto a setores especializados, como o Imposto Territorial e Urbano (IPTU) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Da mesma forma visávamos considerar a História e a Geografia da região, prevendo-se a recolha de anuários, de entrevistas com historiadores locais. Esse procedimento básico teve seu desenvolvimento específico no Seminário Interdisciplinar programado pelo Centro de Pós-graduação no primeiro semestre de 1982.

Outro procedimento consistia no levantamento bibliográfico essencial aos estudos dessa natureza e no cadastramento de centros de pesquisa afins, trabalho que ajudou a delimitar o espaço de atuação e entender as suas relações. Vale observar, que o Núcleo era aberto ao trabalho de todos os pesquisadores de cultura popular da região, todos os que trabalhavam nas ciências sociais, como nos campos da saúde, das áreas administrativas, da religião, da comunicação social. Abrigava o estudo sobre memória da imprensa regional, formação de entidades de bairro e de tudo mais, instituições e movimentos populares, formas de religiosidade e medicina popular.

Após concluir essa etapa, o Núcleo abrigava um projeto específico pelo qual respondiam o professor Luís Roberto Alves e eu, com a pretensão de cobrir cinco frentes de atuação:

1 – inventário da literatura popular em verso e prosa, escrita ou oral, produzida no ABC. Paralelamente o contacto com poetas, cantadores, os contadores de causo, divulgadores de cultura;

2 – organização de um arquivo de contos populares, classificados por sistema na base do índice Aarne-Thompson;

3 – mapeamento das feiras populares e levantamento das formas de lazer de adultos e de crianças;

4 – organização de um calendário das festas populares, oficiais ou não, comunitárias, familiares;

5 – organização de um acervo de dados da memória religiosa do ABC, por meio de entrevistas e observações, dedicadas à melhor compreensão das instituições, dos rituais, e da participação comunitária nas formas religiosas regionais.

O Núcleo foi instalado na sala de número 1219 do Centro de Pós-Graduação no edifício Lambda do Campus da Metodista.

Isso foi um projeto que comprometeu um pedaço de minha vida, a minha fé, compreende o que se fez e o que se deixou de fazer pelos mais diversos motivos, tudo que eu estava pensando em poder fazer...

O Núcleo buscava estimular os vários segmentos da comunidade do ABC, para a compreensão de um empreendimento como esse. Estudantes, professores das redes oficial e particular (não deixamos a particular de lado), membros da sociedade de amigos de bairro, eram convidados a participar, devendo receber orientação neste sentido. Iniciou-se assim a formação de uma rede de informações para localização dos eventos, pessoas e lugares de importância. Por exemplo, os alunos do professor Luiz Roberto do 4º ano Normal da E.E.P.S.G. João Ramalho de São Bernardo do Campo, num trabalho limitado a um mês, recolheram 40 contos populares, os quais foram a gênese do arquivo de contos e do Programa de estudo tipológico e sócio-histórico. Outro exemplo, foi a cobertura realizada por alunos e professores do I.M.S da tradicional Procissão dos Carroceiros de São Bernardo do Campo, no dia 6 de setembro, seguida de documentação dos cânticos dos folguedos populares: Bumba-meu-boi e Moçambique.

Quanto à bibliografia foram levantados títulos ligados à cultura popular, antropologia e etnografia, nas bibliotecas de mais rápido acesso aos estudantes e demais interessados do ABC, incluindo algumas de São Paulo. Procurou-se, além disso, sugerir às bibliotecas a aquisição de títulos de importância para esses vários campos do saber. Preparou-se, concomitantemente, um fichário de instituições que lidam com folclore e cultura popular no Brasil e no exterior, com quem o grupo pretendia trocar contínuas experiências.

Foi tudo feito na *raça* por Luis Roberto e por mim. Nós dois fizemos juntos e ele continuou. Eu me lembro que esse evento com os operários, foi feito no jardim do campus da Metodista. Vieram moças que trabalhavam nas fábricas de tecido, em fiação e que narravam coisas e diziam poemas delas, poemas bons. E o fato de dizer poema em público, de narrar coisas... vieram cantadores, vieram violeiros, tivemos reuniões para cobrir tudo isso.

Agora, veja que coisa interessante: nesse tempo em que estávamos trabalhando no I.M.S. nos dava uma euforia tão grande de poder lidar com isso naquele lugar. Tinha dias que eu ia para lá com aquela sensação de poder na mão, dizendo: “Eu estou desvendando uma coisa, vivendo um momento histórico, um momento da gente se inserir na história”.

Tínhamos todos essa inserção, por exemplo, Luis Fernando Santoro um grande colega que fazia vídeo, e que é meu amigo até hoje e Luis Roberto que era uma pessoa mais ligada a certas estruturas da Igreja.

Então, tudo isso começou em 1981, tendo sido o meu doutorado em 1980. Mas isso não era apenas um projeto. Acredito que nenhum projeto educacional possa ser destituído dessa emoção, da descoberta e do entrosamento. Quer dizer, **o que significou esse Seminário Interdisciplinar? Significou essa destituição de conceitos que congelam conceitos. Os conceitos empedrados se transformaram em conceitos móveis que a experiência construiu.** Isso para mim foi o que bastou. Bastou para começar...

Jerusa Pires Ferreira

Depoimento colhido por Conceição Cabrini em
São Paulo, no dia 19 de Dezembro de 2005

Conceição Cabrini é doutora em Comunicação e Semiótica PUC-SP.
[E-mail: ccabrini@uol.com.br]